

# Ponderação directa sobre "Directo ao Assunto"

Dom. 26/1/86

por Helder Muteia

«Directo ao Assunto» é a maneira como Carlos Cardoso intitulou o seu primeiro livro de poesia. «Que assunto?» Desta vez era eu quem partia para uma tentativa de leitura (chamem-lhe destrinçamento se quiserem) desse manancial de produção e produtividade.

Mal tinha dado o primeiro passo, vi-me na obrigação de transformar o pragmatismo inicial, talvez mal induzido pelo título, numa espécie de sobresalto: «Que lugar fornecer à leitura?»

Com uma obra que se pretende pautar pela diferença e inovação, afigurava-se inevitá-

ciam de política porque a política dos mortos é terem morido por política. Esta a política dos vivos» (p. 49); outras vezes é um drama escalvado até aos limites da mensagem crua: «Ai de nós, ai de nos/ai do mundo sem nós./Sois terra seca, coágulo.» (p. 40); outras vezes é um cartaz ou pragmatismo obstinado: «Eh! Todos aí,/vamos deslolar este país.» (p. 68), e assim por diante...

Entretanto, três linhas de orientação podem, desde já, ser demarcadas, como corolário desses processos de lei-

da no arco/ A rir/ a rir/ a rir» (p. 18). Saliente-se que o riso toma para este capítulo um valor peculiar: «Daqui para a frente/há um para a frente daqui/ que ri, ri, ri/ incomensurável e demente.» (p. 19). E, claro, «é preciso saber rir...»

No segundo, é quando os efeitos da prosa começam a fazer-se sentir, jornalisticamente, à laia de «reprofetização do passado»: «Da Tróia do Olimpo saiu vencedor o demo. Amontoadas as ninfas em ritual apropriado, o perfume cadavérico para ele transferiu os desígnios da História: (...) Entretanto, a sovieta Inês evita ainda a CIA de Afonso IV./ E entre Paulo Dias e os seus sucessores edificou o demo as normas de psicossomático industrializado à custa de colónias vietnamitas do coração» (p. 23).

Em algumas circunstâncias a «reprofetização» acontece em relação ao presente: «Para que desta noite transitória possamos enfim amanhecer.» (p. 30).

No terceiro, o autor preocupa-se em chegar ao clímax e, consequentemente, ao remate da acção ou acções, surpreendendo mesmo a pressa com que o panfleto escamoteado se faz obra de arte: «Re pública Popular de Moçambique/ Ideia comunal» (p. 62) ou «Hoje/ os aromas Chamanculos/ po itizam os fogões/ da Polana.» (p. 64).

Quanto ao factor estilístico, importa desde já definir as vias de enraizamento que se afirmam aplicáveis numa análise literária. Se as puramente históricas, políticas, temáticas ou as puramente artísticas. Claro que o assunto tem levantado das mais acesas controvérsias, que não importa referenciar. Conveniamos que isso depende do agente receptor da mensagem, dos seus parâmetros e padrões.

Quanto a mim, «Directo ao Assunto» está quase completamente desarticulada de toda uma realidade literária que é nossa. Não ousarei sequer chamar modernismo estilístico ao quadro fornecido por Carlos Cardoso, em que salva apenas o papel de mediador que tenta conferir ao enraizamento político. Bastará? Não, naturalmente, já é tempo de pensarmos numa arte que viva do suor próprio; que seja, antes de tudo, ela mesma e depois o resto.

Todavia, seria «indirectamente» injusto não incluir Carlos Cardoso, neste esforço de remar para além da consonância vulgar das palavras e da mediocridade absurda. «Directo ao assunto» é, entre outros, mais um ponto de referência ao nosso alcance, comportando uma vivência, um estilo que, não podendo ser considerado genuinamente moçambicano, será, no mínimo, estilo e vivência de um moçambicano.

CARLOS CARDOSO

## DIRECTO AO ASSUNTO

Podemos tempo

vel orientar-me, não por um, mas por vários processos de leitura, cada um escrupulosamente ensaiado no seu quadro de actividades. Ora, acontece que Carlos Cardoso, na tentativa, talvez, de dar uma imagem mais autêntica daquilo que foi ou é o seu espectro estilístico, ou de fazer uma amostragem das várias maneiras de ir «directamente ao assunto», ou ainda de construir um todo a partir de pequenas parcelas principalmente estilísticas e algumas vezes temáticas, optou por uma dispersão de pontos de abordagem e profusão de meios.

Assim, ela apresenta-se umas vezes como a prosa premeditada que se articula em ganâncias, conotações e enredos: «Do outro lado dos mares Margaret, a dura, suspira aliviada. Eis de mão beijada tão pura oportunidade para sossegar o desemprego dos lares.» (p. 54); outras vezes é um jogo simplista de palavras: «Os mortos já não pre-

tura: a metodológica, a temática e a estilística.

Como o autor não deixou de referir, a obra não respeita a nenhum ordenamento cronológico, e se alguns indícios disso se podem notar, reduzem-se a exercícios esporádicos de enrolamento, pois se torna difícil verificar neles qual quer intencionalidade.

O livro insiste em se combinar de três subdivisões temáticas: «Encontros Imediatos para além de qualquer grau», «Intercâmbio com o resto» e «Processos».

O primeiro pretende ser «... a palavra nem sequer pensada/... nem redondo, nem recto, nem espiral/nem céu nem inferno...». Pretende, portanto, ser a ambiguidade inócua, articulada no puro estilo do trocadilho barato: «O mais que bem-pior que mal/fez-se em ti santuário do poema/antigravitacional.»/És./ Absolutamente.» (p. 12) ou mais adiante: «Há coisas no arco da velha / A velha empoleira-